

Álvaro de Campos

**Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os olhos,**

Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os olhos,  
E o meu destino apareceu-me na alma como um precipício.  
A minha vida passada misturou-se-me com a futura,  
E houve no meio um ruído do salão de fumo,  
Onde, aos meus ouvidos, acabara a partida de xadrez.

Ah, balouçado  
Na sensação das ondas,  
Ah, embalado  
Na ideia tão confortável de hoje ainda não ser amanhã,  
De pelo menos neste momento não ter responsabilidades nenhuma,  
De não ter personalidade propriamente, mas sentir-me ali,  
Em cima da cadeira como um livro que a sueca ali deixasse.

Ah, afundado  
Num torpor da imaginação, sem dúvida um pouco sono,  
Irrequieto tão sossegadamente,  
Tão análogo de repente à criança que fui outrora  
Quando brincava na quinta e não sabia álgebra,  
Nem as outras álgebras com x e y's de sentimento.

Ah, todo eu anseio  
Por esse momento sem importância nenhuma  
Na minha vida,  
Ah, todo eu anseio por esse momento, como por outros análogos  
Aqueles momentos em que não tive importância nenhuma,  
Aqueles em que compreendi todo o vácuo da existência sem inteligência para o  
compreender  
E havia luar e mar e a solidão, ó Álvaro.

s. d.

**Poesias de Álvaro de Campos.** Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993): 90.